

AS FASES DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO AMAPÁ: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA

THE PHASES OF THE LINGUISTIC ATLAS OF AMAPÁ: A BRIEF HISTORIOGRAPHY

Romário Duarte Sanches¹

RESUMO

Pretende-se neste artigo apontar de forma historiográfica as três fases do Projeto *Atlas Linguístico do Amapá* – ALAP, sintetizadas da seguinte maneira: i) Fase I: da idealização à publicação do primeiro volume do ALAP; ii) Fase II: da orientação científica à divulgação dos resultados do ALAP; iii) Fase III: da formação de novos pesquisadores à elaboração do segundo volume do ALAP. Ressalta-se que o primeiro volume do ALAP (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017) tem sido entendido como um importante instrumento linguístico que registra amostras do português falado no Amapá, destacando-se ao longo da história linguística do estado como a principal obra de conhecimento linguístico produzido sobre o português falado na Amazônia amapaense. O impacto científico que o ALAP proporcionou à comunidade acadêmica do estado do Amapá resultou na publicação de trabalhos de mesma natureza em áreas indígenas e quilombolas, além de 34 estudos publicados (artigos, monografias, capítulos de livros etc.) e deve em breve ganhar um segundo volume do atlas com dados inéditos.

Palavras-chave: Geolinguística, Historiografia, Atlas linguístico, Amapá.

ABSTRACT

This article aims to outline the three phases of the Linguistic Atlas of Amapá Project – ALAP, summarized as follows: i) Phase I: from the conception to the publication of the first volume of ALAP; ii) Phase II: from scientific guidance to the dissemination of ALAP results; iii) Phase III: from the training of new researchers to the elaboration of the second volume of ALAP. It is worth noting that the first volume of ALAP (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017) has been understood as an important linguistic instrument that records samples of the Portuguese spoken in Amapá, standing out throughout the linguistic history of the state as the main instrument of linguistic knowledge produced about the Portuguese spoken in the Amazon region of Amapá. The scientific impact that ALAP has provided to the academic community of the state of Amapá

¹Doutor em Letras (Estudos Linguísticos, Professor do Curso de Licenciatura em Letras, Campus UNIFAP/Santana. E-mail: romario.duarte@unifap.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643553805315252>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>.

has resulted in the publication of works of the same nature in indigenous and quilombola areas, in addition to 34 published studies (articles, monographs, book chapters, etc.) and a second volume of ALAP with previously unpublished data is expected to be published soon.

Keywords: Geolinguistics, Historiography, Linguistic atlas, Amapá.

Introdução

A expansão dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil observada nos últimos 20 anos é consequência do impacto científico incitado a partir de um dos maiores projetos de pesquisa, no campo da linguística, já concebido no país, a saber: *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*. O lançamento do Projeto ALiB foi realizado em 1996, na cidade de Salvador – BA, na ocasião, foram definidos os objetivos do projeto e a formação de um comitê científico, presidido por Suzana Cardoso. A elaboração de um atlas nacional com características continentais, dado a sua dimensão geográfica e diversidade sociocultural, perpassa por desafios metodológicos e dificuldades de recursos humanos e financeiros. Esta situação, caso não seja superada, poderá enquadrar o projeto no que temos chamado de “cemitério de atlas”, projetos apenas idealizados e que nunca saíram do papel ou sem previsão de retomada.

No tocante ao ALiB, apesar da demora ocasionada pelas dificuldades supracitadas, após quase 20 anos de projeto, no ano de 2014, na Universidade Estadual de Londrina, foram lançados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso, et al., 2014a; Cardoso, et al., 2014b), com dados das capitais. O primeiro volume conta com 210 páginas, contendo seis capítulos que tratam, em geral, sobre a história do ALiB, o percurso metodológico adotado, a rede de pontos, tipos de questionário, a seleção dos informantes, a aplicação do método geolinguístico e o processo da cartografia linguística. O segundo volume, conta com 357 páginas e traz orientações sobre as localidades, os informantes, os inquiridores e a organização das cartas. No que se refere aos mapas linguísticos, o atlas é composto por 10 cartas introdutórias, 46 fonéticas, 107 cartas semântico-lexicais e 07 cartas morfossintáticas.

Para Romano (2020), não há como negar a forte contribuição do ALiB, tendo em vista que até 1996 o Brasil contava com cinco atlas concluídos: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (Rossi, 1963), *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* – EALMG (Ribeiro et al., 1977), *Atlas Linguístico da Paraíba* – ALPB (Aragão;

Revista de Letras Norte@mentos

Bezerra de Menezes, 1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS (Ferreira et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (Aguilera, 1994). Após 1996, o número de atlas concluídos aumenta exponencialmente para 14, contemplando as seguintes unidades da federação: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Tocantins, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Amapá e Amazonas, sendo dois deles com mais de um atlas, Paraná e Sergipe. Há também oito estados com projeto em andamento Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Piauí e Espírito Santo.

No caso dos atlas estaduais e de pequeno domínio produzidos na Amazonia Legal, Silva, Martins e Sanches (2024) destacam que só é possível identificar esse tipo de produção a partir de 2002, com a tese de doutorado de Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, intitulada *Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA*. Esse cenário ratifica a contribuição do Projeto ALiB para pesquisa geolinguística na Amazônia, pois, com a implementação dos pressupostos teórico-metodológicos do ALiB, novos projetos de atlas foram desenvolvidos e concluídos nos estados do Amazonas, Pará, Amapá, Tocantins e Acre. Além dos atlas estaduais, Silva, Martins e Sanches (2024) também evidenciam os atlas de pequeno domínio publicados ou em andamento na Amazônia Legal, somando ao todo 29 obras dessa classificação com maiores quantitativos nos estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso.

No âmbito da Amazônia amapaense, a geolinguística tem se intensificado nas últimas décadas, com a presença de um atlas linguístico estadual sobre o português, denominado de Atlas Linguístico do Amapá - ALAP (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017). Além disso, a produção acadêmica tem avançado com a defesa de duas dissertações sobre de mestrado sobre português indígena, o primeiro defendido em 2017, que trata sobre variação lexical no português falado por indígenas Wajãpi (Rodrigues, 2017), e a segunda sobre variação fonética no português falado por indígenas Karipuna e Galibi-Marworno (Carvalho, 2019). No nível de doutorado, também se registram duas contribuições relevantes: a primeira, defendida em 2020, trata do léxico falado em português e em khuóíl do povo Karipuna do Amapá (Sanches, 2020); e a segunda defendida em 2024, investiga a variação lexical em comunidades afro-amapaenses (Coelho, 2024). Além desses atlas e trabalhos de pós-graduação, é possível também

encontrar artigos, capítulos de livros e monografias sobre o português falado no Amapá (Sanches, 2021).

É importante lembrar que este acervo de estudos geolinguísticos sobre as variedades faladas no Amapá foi impulsionada pela criação do *Projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*. Diante disso, pretende-se neste artigo apontar de forma historiográfica as três fases do Projeto ALAP: i) Fase I: da idealização à publicação do primeiro volume do ALAP; ii) Fase II: da orientação científica à divulgação dos resultados do ALAP; iii) Fase III: da formação de novos pesquisadores à elaboração do segundo volume do ALAP.

1. Fase I: da idealização à publicação do primeiro volume do ALAP

A idealização do *Projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP* iniciou no ano de 2010, com a criação do Grupo de Pesquisa ALAP, na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, sob a coordenação da professora Celeste Ribeiro, que reuniu estudantes e professores do curso de Letras da mesma Instituição, e contou com a consultoria do professor Abdelhak Razky, à época, vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Celeste Ribeiro conta que o desejo em elaborar um atlas linguístico para o Amapá foi lançado quando ela estava no curso de mestrado em Letras na UFPA (2006-2008) e teve a oportunidade de ser orientada e acompanhar aulas de Sociolinguística e Dialetoлогия ministradas pelo professor Abdelhak Razky. Essa experiência culminou na defesa de sua dissertação, que investigou o comportamento da variável (r) pós-vocálica medial nos estados do Pará e Amapá, a partir do cotejo de dados coletados para o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*.

Com o retorno da professora Celeste Ribeiro à UNIFAP, após a defesa de mestrado, nascia o Grupo de Pesquisa ALAP, vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes. O grupo inicialmente limitou-se à realização de leituras e estudos teórico-metodológicos sobre o campo da Sociolinguística e Dialetoлогия, a fim de ampliar e dar base sólida aos pesquisadores, fornecendo-lhes uma visão clara sobre o trabalho geolinguístico que iriam desenvolver, ou seja, a produção de um atlas linguístico.

O foco principal do Projeto ALAP foi descrever e mapear o português brasileiro falado em dez localidades do estado do Amapá, buscando evidenciar a variação linguística no tocante aos aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Com o objetivo de alcançar as metas do projeto, foram organizados Workshops com palestras, oficinas e minicursos para orientar a metodologia, o trabalho de campo e a sistematização de dados linguísticos. Segue abaixo registros dos Workshops realizados pelo Grupo ALAP.

Figura 1: Registro das atividades desenvolvidas pelo Grupo ALAP



Fonte: Acervo pessoal de Maria Doraci Guedes Rodrigues.

O Projeto ALAP foi planejado, estritamente, sob o método geolinguístico pluridimensional (Cardoso, 2010), adotando como referência o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso et al., 2014). Neste sentido, o ALAP torna-se um atlas com características pluridimensionais, uma vez que apresenta aspectos da variação diatópica, diageracional e diassexual².

Para compor a rede de informantes do ALAP, foram selecionados 40 amapaenses, estratificados socialmente, conforme idade, sexo e escolaridade, com os critérios a seguir: a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro Estado ou Região por mais de um ano; d) ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao Ensino Fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para a entrevista.

² Neste caso, a primeira refere-se à variação linguística que ocorre a partir do espaço geográfico, a segunda por influência da faixa etária e a terceira por influência do gênero dos falantes.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram os questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) propostos pela equipe do Projeto ALiB (Comitê, 2001). O QFF contém 159 questões fechadas e o QSL contém 202 perguntas abertas organizadas por campo semântico. As entrevistas duravam em média de 2 a 3 horas, variando conforme o comportamento e disponibilidade de cada entrevistado, visto que em alguns inquéritos há aqueles que se apresentam tímidos, indiferentes e de pouca elocução. Por outro lado, há aqueles que se mostram eloquentes, espontâneos e muito participativo. É importante destacar que os participantes da segunda faixa etária foram os que se mostraram mais receptivos, espontâneos, dispostos e, conseqüentemente, tornaram as entrevistas mais longas.

Em 2011, foram realizados inquéritos experimentais como forma de treinamento para os acadêmicos que iriam atuar como inquiridores. A pesquisa de campo ocorreu entre 2012 e 2014, pelos seguintes pesquisadores: Celeste Ribeiro, Romário Sanches, M^a Doraci Guedes Rodrigues, Jefer Gonçalves, Francisco Tiago da Silva, Natália Almeida, Hanna Line, Veg Andrade, Elicelma Sena, Maria Cristina Amaral e Sarah Cristina Gibson. Abaixo a Figura 2 com registros da pesquisa de campo realizada por Elicelma Sena e M^a Doraci Rodrigues, na localidade de Porto Grande.

Figura 2: Registro da pesquisa de campo

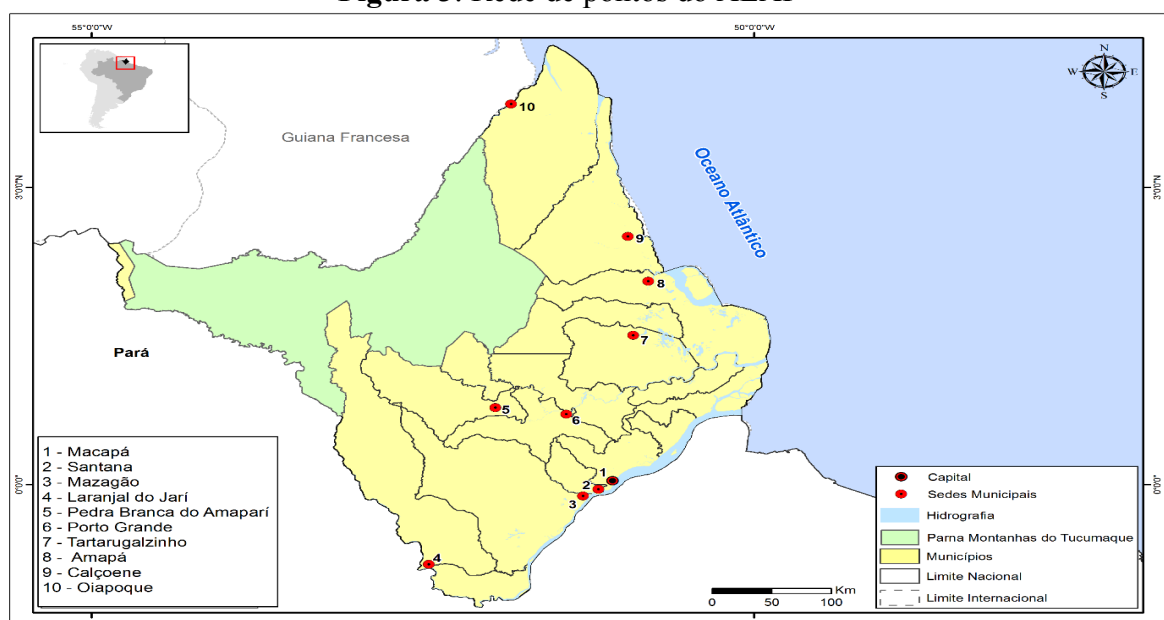


Fonte: Acervo pessoal de Maria Doraci Guedes Rodrigues.

Com a finalização da pesquisa de campo, os dados foram transcritos foneticamente, sistematizados e organizados em tabelas no Excel para auxiliar no mapeamento dos dados linguísticos. É importante lembrar que a coleta e sistematização dos dados seguiram os parâmetros e as orientações do representante regional do Comitê Nacional do ALiB, Abdelhak Razky. Assim, a equipe ALAP procedeu da seguinte maneira: i) arquivamento de todas as entrevistas gravadas em formato MP3, em pastas correspondentes aos pontos de inquérito e aos informantes; ii) recorte dos áudios fonéticos e lexicais utilizando o *Soft Cool Edit Pro 2.1*; iii) transcrição fonética e grafemática, indicando o tipo de questionário, o ponto de inquérito, questões e os quatro informantes entrevistados. Para codificação dos símbolos fonéticos, empregou-se o Alfabeto Fonético Internacional – IPA, utilizando a fonte *Times New Roman 12*; iv) produção de mapas linguísticos, utilizando *Soft CorelDRAWX5*.

A produção das cartas linguísticas, que compõem o primeiro volume atlas do Amapá, foi elaborada a partir de uma base cartográfica produzida por uma especialista da área. A cartógrafa elaborou um leiaute da carta-base, Figura 3, indicando escala, orientação geográfica, um mapa de localização da área em relação ao continente latino-americano, ao Brasil, ao estado e aos municípios.

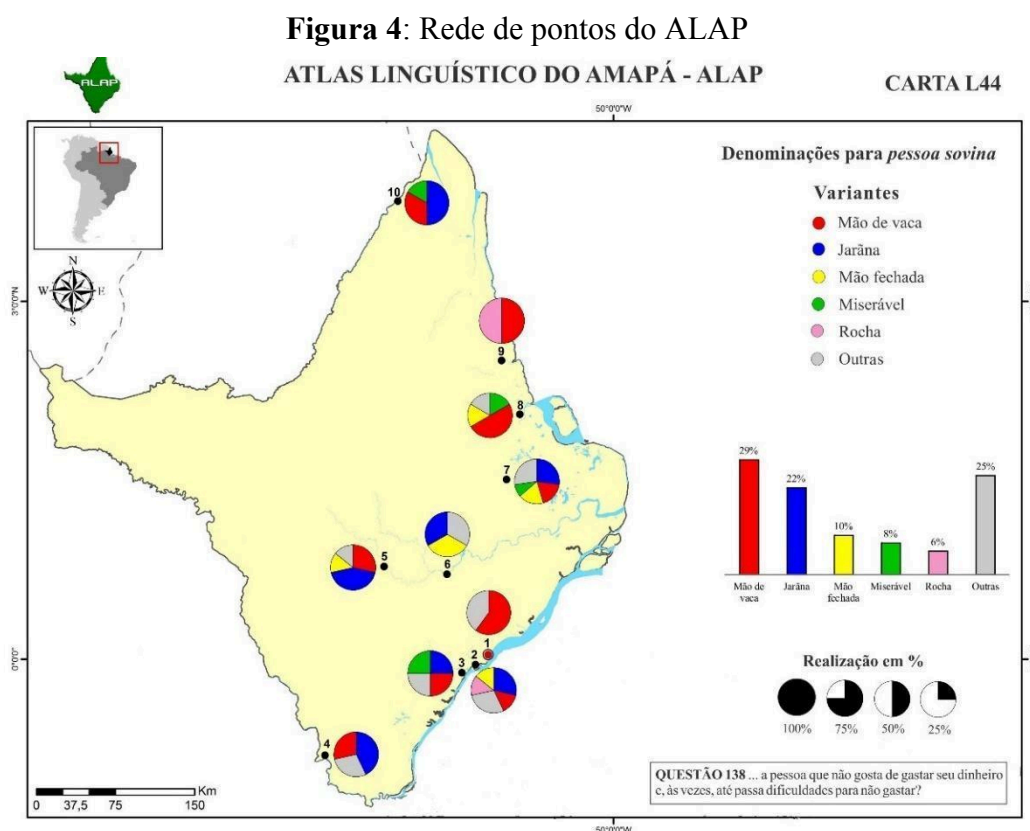
Figura 3: Rede de pontos do ALAP



Fonte: Extraído do ALAP (Razky, Ribeiro e Sanches, 2017, p. 53).

Com a carta-base elaborada, a equipe ALAP passou a inserir informações adicionais para compor o atlas linguístico, como título do atlas, número da carta, tipo de pergunta, pontos pesquisados e organização dos itens linguísticos e suas ocorrências.

O primeiro volume do ALAP, traz um conjunto de dados linguísticos categorizados como mais produtivos, isto é, as perguntas realizadas durante a entrevista obtiveram respostas variadas e de uso frequente. Como forma de sistematizar esses dados em mapas, foram delimitadas até cinco variantes mais recorrentes com suas respectivas cores em forma de círculos; a ordem das cores indica a ordem das ocorrências. As cores foram selecionadas de acordo com o sistema RGB¹ (sistema de cores), seguindo o modelo do *Atlas Linguístico do Brasil*. No caso das variantes pouco produtivas, categorizadas como *Outras* e *Não responderam*, foram registradas por meio de um quadro exibido no verso da carta, mostrando todas as variantes mapeadas e não mapeadas. Segue a Figura 4 para ilustrar o resultado de um mapa lexical.



Fonte: Carta Lexical L44 – denominações para pessoa sovina (Razky, Ribeiro e Sanches, 2017, p. 160).

Para a leitura das cartas fonéticas e lexicais, foram adotadas as seguintes convenções: i) do lado superior à direita, ao lado do título, indica-se o número da carta, que será representado por uma letra marcando o domínio linguístico estudado – seja ele fonético ou lexical – e o número da questão. Por exemplo, a Figura 4, *CARTA L044*, a letra L indica que é uma carta lexical e 44 refere-se à sequência dos itens lexicais; ii) do lado superior à direita, abaixo do título, foram elencadas as variantes mais recorrentes, com a transcrição ortográfica; iii) na parte inferior do mapa ao lado direito, encontram-se gráficos em colunas mostrando as porcentagens correspondentes às ocorrências de cada variante em todos os pontos de inquérito. Mais abaixo, estão gráficos em formato de pizza, mostrando a realização em porcentagem de usos linguísticos que podem variar de 25% a 100%; iv) ainda do lado inferior à direita, consta a respectiva pergunta com a numeração referente ao questionário aplicado; v) no centro da carta, apresenta-se o mapa do Amapá com os 10 pontos de inquérito.

Com a finalização dos mapas linguísticos, o material foi organizado em formato de livro, para que então pudesse passar pela avaliação da Editora Labrador, de São Paulo. Após todo o processo de diagramação, revisão e impressão do livro, o primeiro do volume do Atlas Linguístico do Amapá estaria pronto para o lançamento, que ocorreu em 2017, no V Workshop do ALAP. O livro está organizado em sete partes: i) estado do Amapá; ii) os municípios de pesquisa; iii) metodologia; iv) cartas introdutórias; v) 16 cartas fonéticas; vi) 73 cartas lexicais e vii) 30 cartas estratificadas. Nesta última parte foram cartografadas, além das variantes linguísticas, com foco na variação diatópica, as variáveis sociais idade e sexo dos falantes, demarcando a variação diageracional e diassexual. A partir deste momento, passa-se à segunda fase do ALAP.

2. Fase II: da orientação científica à divulgação dos resultados do ALAP

A segunda fase do Atlas Linguístico do Amapá pode ser caracterizada com o início das orientações de trabalhos científicos e projetos de pesquisa relacionados com o *corpus* do Projeto ALAP, cuja finalidade centrava-se na produção e divulgação dos

resultados do projeto. É possível demarcar o começo da segunda fase, mas não é possível dizer que esta fase tenha sido finalizada, pois, até o presente momento, encontramos estudos geolinguísticos, tendo como objeto de análise o *corpus* do Projeto ALAP, seja no âmbito fonético seja no âmbito lexical.

A segunda fase do ALAP teve início em 2013, com a publicação do artigo intitulado *Variação lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá*, de autoria de Celeste Ribeiro e Romário Sanches, que apresenta, de forma preliminar, uma amostra do mapeamento lexical para o item *libélula*. No mesmo ano, ocorreu a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC das acadêmicas Aldiane Palheta, Hanna Line Silva e Sarah Gibson Guedes, orientadas pela Professora Celeste Ribeiro, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. O trabalho foi realizado a partir do banco de dados do ALAP e buscou identificar a variável (s) pós-vocálica no falar de Laranjal do Jari, município do Amapá. No ano seguinte, em 2014, também sob a orientação de Celeste Ribeiro, foi defendido o TCC dos acadêmicos Jéfter Gonçalves Amorim e Maurício Araújo da Costa que estudaram as realizações do ditongo decrescente [ej] no falar amapaense. Outro estudo importante foi a monografia de especialização, intitulada *Variação semântico-lexical no Amapá*, defendida na Universidade do Estado do Pará – UEPA, sob a orientação da Professora Maria do Socorro Silva, autora do *Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó*.

Além dos primeiros estudos publicados entre o período de 2013 a 2017, destacam-se dois projetos de pesquisa que impulsionaram a produção científica, utilizando o *corpus* do projeto ALAP. O primeiro estava sob coordenação da professora Celeste Ribeiro, na Universidade Federal do Amapá, e o segundo sob coordenação do [supressão de autoria], na Universidade do Estado do Amapá. O projeto de pesquisa de Ribeiro, intitulado *Atlas Linguístico do Amapá: Fase II*, foi executado entre 2018-2019, tendo como objetivo analisar e descrever fenômenos linguísticos mais recorrentes nos dados orais mapeados no Atlas Linguístico do Amapá, buscando estabelecer comparações entre as localidades pesquisadas, a fim não só de se registrar os fenômenos linguísticos encontrados, como também propagar para a comunidade acadêmica, especificamente da área da Dialetoлогия e Sociolinguística, variantes regionais e locais. Já o projeto de pesquisa de [supressão de autoria], intitulado *Análise*

Geossociolinguística dos dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá, foi executado entre 2019-2020, voltado para o estudo da variação fonético-fonológica presente na fala de amapaenses, tendo como *corpus* de pesquisa também o banco de dados do projeto ALAP. Esse projeto foi desenvolvido em três etapas: 1ª) a formação de novos pesquisadores para a área da Sociolinguística e Dialetoлогия; 2ª) o tratamento e a organização dos dados fonéticos; 3ª) a produção, divulgação e publicação dos resultados. Sobre esta última etapa, os resultados alcançados foram publicados em revistas científicas qualificadas e apresentados em eventos da área.

Após a publicação do primeiro volume do ALAP, em 2017, os estudos no campo da Dialetoлогия e Sociolinguística começam a se tornar mais evidentes. A seguir, apresenta-se uma lista de trabalhos que foram publicados tendo como objeto de estudo o *corpus* do ALAP.

Quadro 1. Trabalhos publicados com os dados do projeto ALAP

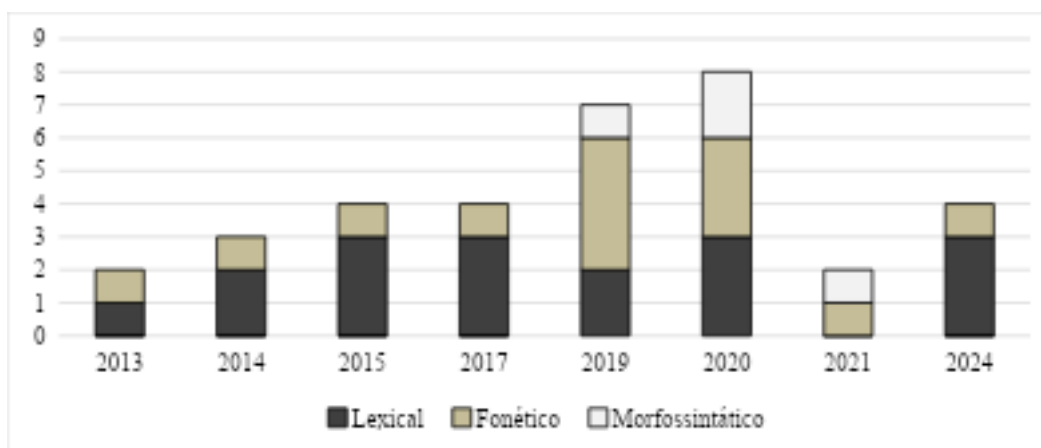
Ano	Título da pesquisa	Gênero
2013	1. Variação lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá	Artigo
2013	2. A variável (s) pós-vocálica no falar de Laranjal do Jari	Monografia
2014	3. As realizações do ditongo decrescente [ej] no falar amapaense	Monografia
2014	4. Variação semântico-lexical no Amapá	Monografia
2014	5. Variação semântico-lexical no Amapá	Artigo
2015	6. A Realização do <i>onset</i> complexo nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Amapá	Artigo
2015	7. Variação Lexical nos dados do Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá	Dissertação
2015	8. Variação lexical para o item prostituta no Amapá	Artigo
2015	9. Variação Linguística para Cigarro de Palha e Toco de Cigarro no Atlas Linguístico do Amapá	Artigo
2017	10. Variação lexical do português falado no Amapá	Artigo
2017	11. Esboço de inventário lexical da língua falada no Amapá a partir dos estudos geolinguísticos	Monografia
2017	12. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual	Artigo
2017	13. O /S/ em coda silábica externa no falar Oiapoquense	Artigo
2019	14. Palatalização de d diante de /i/ e /e/ no falar amapaense	Artigo
2019	15. Variação fonético-fonológica no Amapá uma proposta de análise geossociolinguística	Artigo
2019	16. O rotacismo na fala de amapaenses	Artigo
2019	17. Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá	Artigo
2019	18. Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses	Artigo

2019	19. Variação Lexical no Atlas Linguístico do Amapá – ALAP	Artigo
2019	20. Metaplasmos contemporâneos na fala de amapaenses uma análise geossociolinguística	Monografia
2020	21. O perfil do /S/ em coda silábica em posição interna e externa no falar amapaense	Artigo
2020	22. Palatalização de (nh) na fala de amapaenses	Artigo
2020	23. Perfil do fonema /R/ em coda silábica no falar amapaense	Artigo
2020	24. Variação lexical na Amazônia Setentrional: um estudo comparativo à luz do Atlas Linguístico do Amapá	Monografia
2020	25. Variação lexical em Macapá: um estudo comparativo com o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)	Artigo
2020	26. De pouca telha a mão de neném: fraseologismos nos dados do Atlas Linguístico do Amapá	Artigo
2020	27. Estudos geolinguísticos no Amapá	Artigo
2020	28. Processos fonológicos por substituição ou transformação na fala de amapaenses: uma abordagem geossociolinguística	Artigo
2021	29. Metaplasmos no português falado por amapaenses sob um viés geolinguístico	Capítulo de livro
2021	30. Perfil geolinguístico dos ditongos /ej/ e /ou/ no falar amapaense	Artigo
2024	31. Estudo geossociolinguístico sobre a realização dos ditongos /ai/, /ei/ e /ou/ no falar amapaense	Artigo
2024	32. Denominações para papagaio no falar amapaense	Artigo
2024	33. Entre visagens e misuras: denominações para “fantasma” no falar do Amapá	Artigo
2024	34. Um estudo lexical sobre o campo semântico fauna nos dados do Atlas Linguístico do Amapá	Artigo

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o Quadro 1, é possível notar que, até a publicação do Atlas Linguístico do Amapá, havia 13 estudos publicados, em sua maioria sobre variação lexical. A partir de 2019, há um número maior de estudos sobre variação fonética e, em menor frequência, têm-se os trabalhos sobre variação morfossintática.

Gráfico 1. Quantidade de trabalhos publicados por nível linguístico



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em termos quantitativos, o Gráfico 1 mostra que a presença de trabalhos no campo morfossintático ocorre em 2019, com a monografia de graduação da acadêmica Michele Carvalho e, em seguida, com a publicação de mais três artigos, dois em 2020 e um em 2021. É importante destacar que o baixo número de trabalhos voltados para o nível morfossintático da língua pode ser explicado pela dificuldade em se analisar os dados do ALAP para esse fim, tendo em vista que o *corpus* coletado tem como foco a variação lexical e fonética.

No que diz respeito aos dados fonéticos e lexicais, o Gráfico 1 acentua os anos de 2019 e 2020, correspondendo aos anos em que os projetos de pesquisa de Ribeiro e Sanches estavam vigentes. Isso mostra como a ação colaborativa dos pesquisadores é fundamental para fomentar e potencializar novos estudos variacionistas sobre o português falado no Amapá, utilizando o *corpus* do projeto ALAP.

Vale lembrar que esta segunda fase do projeto ALAP ainda está em andamento, sem prazo definido para encerramento, uma vez que continuamente surgem professores e alunos da graduação e pós-graduação interessados em analisar fenômenos linguísticos ainda não evidenciados ou interessados em cotejar dados do português falado no Amapá com outras variedades de português brasileiro.

3. Fase III: da formação de novos pesquisadores à elaboração do segundo volume do ALAP

A terceira fase do Projeto ALAP inicia em 2023 com a aprovação do projeto de pesquisa intitulado *Atlas Linguístico do Amapá: fase III*, registrado sob o nº 36/2023 PROPESP-UEAP, no curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá. O foco do projeto era descrever, mapear e analisar dados linguísticos não publicados no primeiro volume do ALAP (2010-2017), especificamente 86 itens lexicais. Assim, buscou cumprir as seguintes etapas: 1ª) encontros formativos; 2ª) oficina de cartografia linguística; 3ª) organização dos mapas linguísticos e 4ª) divulgação e publicação dos resultados.

O *Projeto ALAP: fase III* estava vinculado a dois grupos de pesquisa: o Grupo de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá - ALAP (UNIFAP) e o Grupo de Pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade - LINLIS (UEAP), integrado à linha de pesquisa *Descrição do Português Amazônico* que trata de estudos sobre aspectos morfossintáticos, semântico-lexicais e fonético-fonológicos do português falado na Amazônia brasileira, tanto em áreas urbanas como em áreas rurais ou de comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, ribeirinhas etc.).

Neste projeto de pesquisa, contou-se com uma equipe composta por discentes voluntários da Universidade do Estado do Amapá, a saber: Andreina Nunes Pereira, Dhéssy Karen Lobato Sobral, Érika Patrícia de Araújo Rodrigues, Gabrielly Marques dos Santos, Isabela Vieira Nascimento, Jamila Catrine Araújo dos Santos, Loerhana Geisielle Quintela Miranda Camarão, Matheus Gomes dos Santos, Mônica dos Santos Carvalho, Noelia Freitas dos Santos e Vitória Silva de Souza.

A nova formação da equipe ALAP na fase III possibilitou a análise e o mapeamento de 86 itens lexicais referentes a 13 campos semânticos que não foram analisados e não compuseram o primeiro volume do atlas do Amapá. Vale ressaltar que o *corpus* do ALAP já havia sido coletado e organizado pela primeira equipe do Grupo de Pesquisa ALAP, formada no ano de 2010. Entretanto, tal *corpus* estava armazenado em nuvem³ e necessitava de revisão para que então pudesse ser utilizado.

Como forma de retomar as análises de dados lexicais, a nova equipe do Grupo ALAP continuou a adotar o método da Geolinguística Pluridimensional, com foco no mapeamento da variação diatópica, diassexual e diageracional. A Equipe seguiu as mesmas orientações metodológicas do primeiro volume do ALAP, considerando os 40 informantes, os mesmos pontos de inquérito (1 - Macapá, 2 - Santana, 3 - Mazagão, 4 - Laranjal do Jari, 5 - Pedra Branca do Amapari, 6 - Porto Grande, 7 - Tartarugalzinho, 8 - Amapá, 9 - Calçoene e 10 - Oiapoque) e a estratificação social dos informantes: dois homens e duas mulheres de 18 a 35 anos; e dois homens e duas mulheres de 50 a 75 anos.

Como os dados lexicais já estavam organizados no *Software* de criação de planilhas e gráficos denominado *Excel*, a equipe do projeto dedicou-se a revisar os

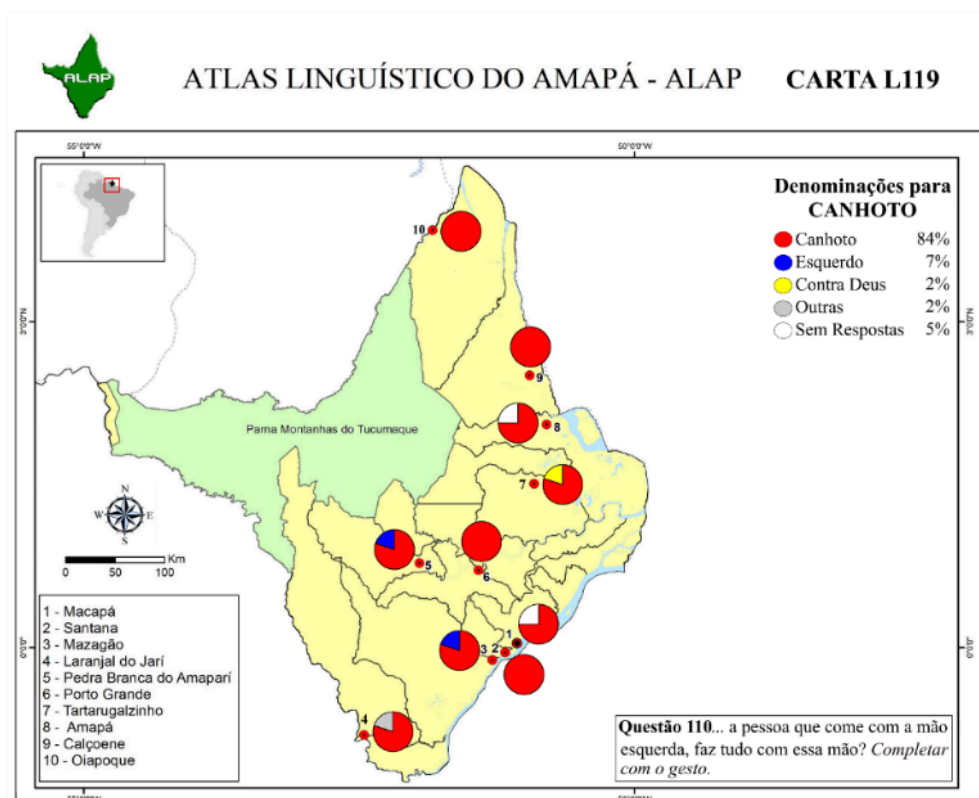
³ É um modelo de computação em nuvem que permite armazenar dados e arquivos usando a Internet.

dados, realizando novamente a contagem das ocorrências lexicais e a identificação da presença e ausência das variantes lexicais.

Diferente do que foi adotado para o primeiro volume do atlas, que considerou para o mapeamento as cinco variantes lexicais mais frequentes, nesta nova etapa, a equipe ALAP considerou até sete variantes, incluindo as menos frequentes, ou seja, aquelas que foram mencionadas apenas uma vez com indicadores de que se trata de uma variante lexical que está caindo em desuso numa determinada comunidade de fala.

Após a revisão e a organização dos itens lexicais que seriam mapeados, a equipe passou para a última etapa, que consistiu no processo de cartografia linguística. Para essa finalidade, utilizou-se o *software* de *design* gráfico *Inkscape*, para a criação das cartas lexicais que irão compor o segundo volume do Atlas Linguístico do Amapá. Em termos de diagramação do mapa-base, há poucas diferenças entre os mapas confeccionados para o primeiro volume e os que foram elaborados para o segundo volume. Uma das mudanças mais significativas refere-se à retirada dos gráficos que indicavam as porcentagens de frequência das variantes, os quais estavam presentes no volume 1, mas foram suprimidos dos mapas que comporão o volume 2. A seguir, apresenta-se a Figura 5, CARTA L119, que trata do item *canhoto*, como forma de ilustrar os resultados dos mapas que irão compor o volume 2 do ALAP.

Figura 5 - Carta L119 - item lexical *canhoto*



Fonte: Santos e Sanches (2024).

O item apresentado na Carta L119 está publicado na revista Muiraquitã, volume 12 de 2024, cujo título é *Mapeamento lexical do português falado no Amapá: um estudo sobre o campo semântico 'corpo humano'*. Santos e Sanches (2014) mostram o item lexical *canhoto* que recebeu as seguintes denominações: *canhoto* com 37 ocorrências (84%), *esquerdo* com três menções (7%), *contra Deus* com uma ocorrência (2%), *outra resposta* (destro) com uma ocorrência (2%) e *sem resposta* com duas ausências (5%). Sobre a categoria *outra resposta*, os autores informam que “destro” não corresponde a uma variante lexical para *canhoto*, uma vez que denomina alguém que utiliza, preferencialmente, e com maior habilidade, os membros do lado direito do corpo, entretanto, o vocábulo foi mapeado como forma de sinalizar a resposta dada pelo informante.

Os primeiros resultados da fase III do ALAP diz respeito a confecção de 86 mapas lexicais produzidos por alunos da graduação, durante as oficinas realizadas entre o período de janeiro de 2023 a dezembro de 2023. A divisão para cartografia dos itens lexicais ficou da seguinte forma:

Quadro 2: Divisão da equipe ALAP para cartografia linguística

Responsáveis	Cartas lexicais elaboradas
Andreina Nunes Pereira	Da carta L74 até a carta L107
Jamila Catrine Araújo dos Santos e Dhéssy Karen Lobato Sobral	Da carta L108 até a carta L107
Matheus Gomes dos Santos	Da carta L115 até a carta L123
Érika Patrícia de Araújo Rodrigues	Da carta L124 até a carta L126
Vitória Silva de Souza	Da carta L127 até a carta L131
Érika Patrícia de Araújo Rodrigues	Da carta L132 até a carta L134
Mônica dos Santos Carvalho	Da carta L135 até a carta L143
Gabrielly Marques dos Santos e Noelia Freitas dos Santos	Da carta L144 até a carta L148
Matheus Gomes dos Santos	Da carta L149 até a carta L152
Isabela Vieira Nascimento	Da carta L153 até a carta L159

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vale lembrar que as cartas lexicais publicadas no primeiro volume do ALAP foram enumeradas de L01 até L73. Com isso, para seguir a ordem numérica dos mapas, o volume 2 iniciará da carta de número L74 até L159.

Além das cartas lexicais já confeccionadas para o volume 2 do ALAP, a comunidade científica já pode ter acesso a dados inéditos publicados em revistas científicas, como o artigo de Santos, Carvalho e Sanches (2024), publicado na revista *Acta Semiótica et Lingvistica*, que traz o mapeamento lexical referente ao campo semântico *habitação*. E o artigo de Santos e Sanches (2024), sobre o campo semântico *corpo humano*, publicado na revista *Muiraquitã*.

O próximo passo a ser consolidado pela equipe ALAP diz respeito à revisão minuciosa de cada mapa elaborado para que, até meados de 2025, tenhamos o segundo volume do *Atlas Linguístico do Amapá* publicado e disponível para consulta.

Considerações finais

Com base na breve historiografia do Projeto do Atlas Linguístico do Amapá, foi possível destacar três fases importantes: i) a fase I que corresponde à idealização do projeto ALAP até a publicação do primeiro volume do atlas; ii) a fase II que corresponde às orientações de trabalhos científicos com a publicação do *corpus* do ALAP, sobretudo relacionados aos fenômenos fonéticos, lexicais e morfossintáticos; iii) e a fase III que se preocupou em dar continuidade ao projeto, buscando formar novos pesquisadores com vista à elaboração do segundo volume do ALAP.

O Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) tem promovido significativos desdobramentos no cenário acadêmico e social, ao documentar e analisar a diversidade linguística do estado sob a perspectiva da dialetologia pluridimensional. No âmbito regional, o projeto tem impulsionado pesquisas em universidades locais, fortalecendo a formação de pesquisadores e a valorização do português falado na Amazônia. Nacionalmente, o ALAP se insere entre os grandes projetos de geolinguística do Brasil, contribuindo com dados inéditos sobre uma região, até então, pouco explorada nos estudos linguísticos. Além disso, os dados coletados subsidiam políticas públicas de educação e cultura, oferecendo material relevante para práticas pedagógicas contextualizadas. O projeto estimula o diálogo entre linguística, sociedade e educação, e evidencia a importância da variação linguística como patrimônio imaterial. Assim, o ALAP se consolida como referência científica e instrumento de valorização linguística para o Amapá. Assim, espera-se que até meados de 2025 seja possível a publicação de dados inéditos que irão compor o segundo volume do Atlas Linguístico do Amapá.

Referências

- AGUILERA, Vanderci. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AMORIM, Jéfter; COSTA, Mauricio. da. *As realizações do ditongo decrescente [ej] no falar amapaense*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Amapá, 2014.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: CNPq; João Pessoa: Ed. UFPB, 1984.
- CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. v. 2: Cartas linguísticas I. Londrina: EDUEL, 2014b
- CARVALHO, Amanda. *Mapeamento fonético do português falado em comunidades indígenas do Oiapoque-AP*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

CARVALHO, Michele. *Metaplasmos contemporâneos na fala de amapaenses: uma análise geossociolinguística*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Amapá, 2019.

COELHO, Helen Costa. *Diversidade lexical em comunidades afro-amapaenses: contornos diatópicos, diastráticos e diarreligiosos*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

COELHO, Helen Costa; MATOS, Sara. Variação lexical em Macapá: um estudo comparativo com o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). *Revista Letras Escreve*, Macapá, v. 1, janeiro-junho de 2020.

COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Cássia. *A variação semântico-lexical no falar dos moradores da vila de Serra do Navio: um estudo geolinguístico*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa). Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2021.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

MATOS, Sara. *Variação lexical na Amazônia Setentrional: um estudo comparativo à luz do Atlas Linguístico do Amapá*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa). Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.

PALHETA, Aaldiane; SILVA, Hanna; GUEDES, Sarah. *Uma variável(s) pós-vocálica no falar de Laranjal do Jari*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Amapá, 2013.

PEREIRA, Andriena; CAMARAO, Loherana; SANCHES, Romário. Denominações para papagaio no falar amapaense. *Revista Acta Semiótica et Lingvistica*, Palmas – TO, v. 30, p. 27-42, 2024.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste; SANCHES, Romário. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, C. M da R. A realização do ataque complexo nos dados do Projeto atlas linguístico do Amapá - Projeto ALAP. In: IX Congresso Internacional da Abralin. *Anais do IX Congresso Internacional da ABRALIN*. Belém: PPGL/UFPa, v. 705-715, 2015.

RIBEIRO, Celeste. O /S/ em coda silábica externa no falar Oiapoquense. *Revista Web-Sociodialeto*, v. 7, p. 356-373, 2017.

RIBEIRO, Celeste. Variação Lexical no Atlas Linguístico do Amapá - ALAP. *Revista Moara*, Belém-PA, v. 202-217, 2019.

RIBEIRO, Celeste; FERREIRA, Cássia. Atlas Linguístico do Amapá: um recorte da variação lexical no falar amapaense. *Revista de Iniciação Científica (CESUMAR)*, v. 171-180, 2018.

RIBEIRO, José et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, Maria Doraci. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

ROMANO, Valter. Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyrá; MOREIRA, Josane; PAIM, Marcela; RIBEIRO, Silvana. (Org.). *Contribuições de estudos geolinguístico para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 11-39.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANCHES, Romário. Esboço de inventário lexical da língua falada no Amapá a partir dos estudos geolinguísticos. In: *Anais I Congresso Internacional de Letras*. São Carlos: Pedro e João editores, 2017, p. 1782-1795.

SANCHES, Romário. Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilucia; SALVADOR, Carlene; SANCHES, Romário. (Org.). *Variação e diversidade linguística*. Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2019, p. 19-28.

SANCHES, Romário. Variação fonético-fonológica no Amapá: uma proposta de análise geossociolinguística. *Revista Moara*, Belém-PA, v. 1, n. 54, p. 150-164, 2020.

SANCHES, Romário. Variação lexical para os itens *calcinha* e *rouge*: um estudo sobre o léxico do português falado pelos Karipuna do Amapá. *Revista Moara*, Belém-PA, v. 3, n. 55, p. 250-266, 2020.

SANCHES, Romário. Variação linguística no português falado no Amapá. *Cadernos de Linguística*, v. 2, p. 1-19, 2021.

SANCHES, Romário. *Microatlas linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá*. Tese (Doutorado). Belém-PA: Universidade Federal do Pará (Programa de Pós-Graduação em Letras), 2020.

SANCHES, Romário; CARVALHO, Michele. Processos fonológicos por substituição ou transformação na fala de amapaenses: uma abordagem geossociolinguística. *Revista Entrepalavras*, v. 10, p. 1-23, 2020.

SANCHES, Romário; FUMELE, Lizandra. O perfil do /S/ em coda silábica em posição interna e externa no falar amapaense. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 10, p. 43-61, 2020.

SANCHES, Romário; MIRANDA, Rosilene. Perfil geolinguístico dos ditongos /ej/ e /ow/ no falar amapaense. *Revista Leitura*, v. 4, p. 32-44, 2021.

SANCHES, Romário; PEREIRA, Andreina. Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá. *Revista Porto das Letras*, v. 6, p. 74-92, 2020.

SANCHES, Romário; PEREIRA, Andreina. Entre visagens e misuras: denominações para *fantasma* no falar do Amapá. *Revista Científica Sigma*, Macapá-AP, v. 3, p. 25-42, 2022.

SANCHES, Romário; CAMARAO, Loerhana. Perfil do fonema /R/ em coda silábica no falar amapaense. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, v. 67, p. 367-389, 2020.

SANCHES, Romário; MIRANDA, Rosilene. O rotacismo na fala de amapaenses. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 29, p. 122-140, 2019.

SANCHES, Romário; NASCIMENTO, Jamile. Palatalização de d diante de i e e no falar amapaense. *Revista Primeira Escrita*, v. 1, p. 74-82, 2019.

SANCHES, Romário; RAZKY, Abdelhak. Variação do item lexical *prostituta* no projeto Atlas Linguístico do Amapá. *Revista Linguasagem*, São Paulo, v. 23, p. 1-12, 2015.

SANCHES, Romário; RAZKY, Abdelhak. Variação lexical para *cigarro de palha e toco de cigarro* no Amapá. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 6, p. 414-426, 2015.

SANCHES, Romário; RAZKY, Abdelhak. Variação lexical para o item *prostituta* no Amapá. *Revista do GELNE*, v. 17, p. 77-91, 2015.

SANCHES, Romário; RAZKY, Abdelhak. Variação Linguística para *cigarro de palha e toco de cigarro* no Atlas Linguístico do Amapá. *Revista todas as letras*, v. 17, p. 196-206, 2015.

SANCHES, Romário; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. Variação lexical para *libélula* no Atlas Linguístico do Amapá. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 4, p. 435-449, 2013.

SANCHES, Romário; SALVADOR, Carlene. De pouca telha a mão de neném: fraseologismos nos dados do Atlas Linguístico do Amapá. *Revista Porto das Letras*, v. 6, p. 208-227, 2020.

SANCHES, Romário; SILVA, Maria do Socorro. da. Variação semântico-lexical no Amapá. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 299-315, 2014.

SANTOS, Matheus; CARVALHO, Mônica; SANCHES, Romário. Mapeamento lexical do português falado no estado do Amapá referente ao campo semântico *habitação*. *Revista Acta Semiótica et Lingvistica*, Palmas - TO, v. 30, p. 61-77, 2024.

SANTOS, Matheus; SANCHES, Romário. Mapeamento lexical do português falado no Amapá: um estudo sobre o campo semântico corpo humano. *Muiraquitã - Revista de Letras e Humanidades*, Rio Branco - AC, v. 12, p. 6-28, 2024.

SILVA, Greize; MARTINS, Luzineth; SANCHES, Romário. Estudos geolinguísticos na Amazônia Legal: desafios e contribuições. *Revista Domínios de linguagem*, v. 18, p. 1-31, 2024.

SILVA, Maria do Socorro. da. *Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Para*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Recebido em: 29 de março de 2025

Aceito em: 30 de abril de 2025